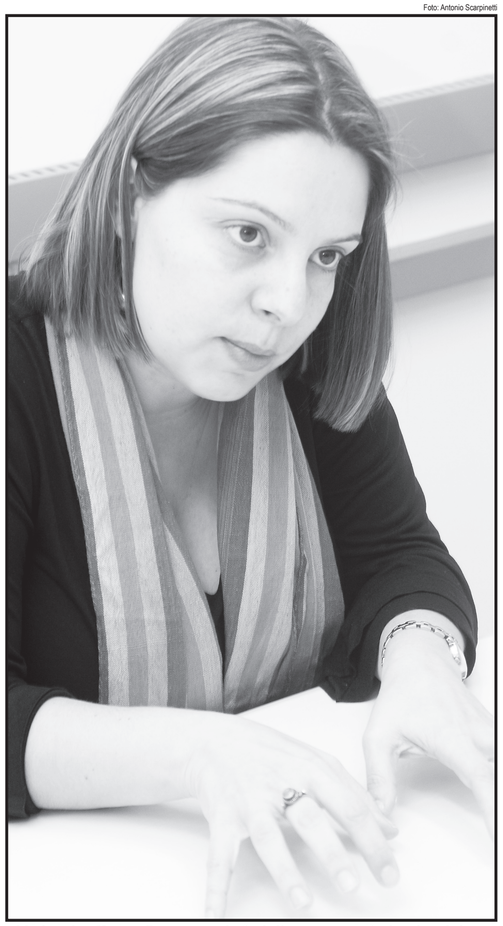
Fotos: Reprodução

Maurício de Nassau, que foi governador geral do Brasil holandês de 1637 a 1644: astúcia rende acordos políticos com diferentes lideranças

À esquerda, coco entalhado com imagens do brasão de Nassau e a vista da cidade de Recife simbolizando a aliança com os indígenas; à direita, mantos de penas vermelhas, pertencentes ao Museu Nacional da Dinamarca

Pequenos mimos, grandes alianças

Foto: Antonio Scarpinetti



A historiadora Mariana Françozo: a coleção de Nassau, na opinião da autora da tese, foi um marco nos processos históricos, políticos e de troca cultural

Historiadora encontra e identifica presentes dados e recebidos por Nassau em negociações políticas

MARIA ALICE DA CRUZ
halice@unicamp.br

João Maurício de Nassau, Mavritivs Nassaviae (latim), Johan Maurits van Nassau-Siegen (neerlandês), Johann Moritz von Nassau-Siegen (alemão), ou Maurício de Nassau. Foi com este último nome que o conde holandês ficou conhecido no Brasil, em 1637, ao chegar acompanhado de um grupo de artistas e cientistas empenhados em explorar e reunir dados sobre a biodiversidade e os hábitos brasileiros. Assim também foi chamado pelos nativos com quem conseguiu estabelecer aliança política a partir da troca de presentes e se tornar o governador geral do Brasil holandês de 1637 a 1644. Nassau (1604-1679) reuniu os presentes em uma coleção formada por objetos tradicionais, pinturas e animais brasileiros, além de uma história natural do Brasil levantada pelos cientistas que o acompanharam. Até aí a história já havia sido contada em vários estudos, mas o que foi feito desta coleção?

Estimulada por essa pergunta, a historiadora Mariana Françozo criou sua própria expedição, esta individual, para iluminar a importância dos objetos brasileiros para a projeção do Brasil e da própria carreira política de Nassau na Europa. A pesquisa de doutorado "De Olinda a Olanda: Johan Maurits van Nassau e a circulação de objetos e saberes no Atlântico holandês (século XVII)",orientada pelo professor John Manuel Monteiro, teve início na Holanda, onde Mariana já havia feito intercâmbio. Entrevistas com historiadores e visitas a museus mostraram que Nassau, considerado um grande visionário por Mariana, usou o capital simbólico criado por ele no Brasil para se colocar politicamente em lugar de destaque quando voltasse à Europa. De posse de tantos objetos de valor, organizou uma festa em sua casa, assim que voltou à Europa, em 1644, para exibir o que tinha realizado em solo brasileiro. Apesar de servir uma bebida com ervas brasileiras que não agradou aos holandeses, as novidades favoreceram alianças com nobres protestantes, entre eles um alemão, eleitor de Brudemburgo, que o ajudou a ser nomeado príncipe do sacro-império romano-germânico. Na sequência, recebeu o cargo de governador de uma região na Alemanha.

A coleção de Nassau, na opinião de Mariana, foi um marco nos processos históricos, políticos e de troca cultural. A importância estratégica da troca de presentes já foi percebida desde que um líder tapuia encontrou pela primeira vez com Nassau. O indígena ofereceu-lhe objetos feitos de penas coloridas, as quais tinham muita importância para a Europa na época. Em troca, Nassau enviava vestimentas aos indígenas. Agrados que, à luz das ciências sociais, podem ajudar a entender que as relações políticas são mais intensas que a história dos dominantes e dominados contada nos livros escolares.

Com a coleção, Nassau foi um dos responsáveis por construir a representação do Brasil na Europa, pois quase tudo o que ele levou está lá até hoje, seja na Holanda ou em outros países nos quais ela realizou sua pesquisa de doutorado: Alemanha, França, Dinamarca e Estados Unidos. Até mesmo o livro *História Natural do Brasil* foi totalmente custeado por Nassau. A obra, de 1648, em que os cientistas de sua expedição, entre os quais Guilherme Piso, catalogaram centenas de espécies naturais, foi referência na Europa por dois séculos. No conteúdo, desenhos de plantas, animais e insetos. O livro serviu de base, no século 18, para o sueco Lineu (1707-1778) fazer a classificação taxonômica das espécies, pois era a única publicação na Europa de faunas e floras tropicais organizadas, descritas e nomeadas. "A publicação também contribuiu para difundir o Brasil na Europa. Outro livro encomendado por ele reúne relatos dos oito anos de seu governo. A obra foi lançada em latim e, dez anos depois, foi publicada uma edição em alemão. "Foi uma maneira de divulgar seus feitos".

A grande contribuição da tese, segundo Mariana, é, a partir do destino das coleções, mostrar como o conhecimento sobre o Brasil foi construído na Europa. Ao se espalhar pelos países visitados pela pesquisadora, a coleção contribui para a expansão deste conhecimento no continente. Parte dela foi identificada durante a expedição de Mariana. Entre os objetos, a pesquisadora encontrou quatro cocos entalhados, com imagens de índios, do brasão de Nassau e a vista do Recife, simbolizando a aliança.

Lindos e raros

A coleção é formada em parte por presentes diplomáticos. "São presentes lindos e raros, que materializam uma aliança", conta Mariana. Ao visitar a coleção etnográfica do Museu Nacional da Dinamarca, ela encontrou obras do artista holandês Albert Eckhout, que acompanhou Nassau no Brasil. Entre as pinturas, *Homem Negro*, que carrega na cintura uma espada africana, *Mulher Tupi*, e *Mulher Tapuia*, representando indígenas canibais, imagem que já era conhecida na Europa, mas foi ainda mais difundida com a volta de Nassau à Holanda. No mesmo acervo, a pesquisadora encontrou dois mantos de penas vermelhas e uma espada africana com bainha de pele de arraia.

Muitas vezes, o mesmo objeto servia para selar vários compromissos políticos. Seguindo sua expedição solitária, Mariana encontrou numa igreja protestante em Siegen, na Alemanha, uma pia batismal de prata, feita no Peru por volta de 1600, que ajudou a selar muitos compromissos políticos. O objeto primeiramente foi dado a portugueses mercadores de escravos que faziam o comércio entre a América espanhola e a África. Estes

Quadro "Mulher Tupi", de Albert Eckhout, que integra a coleção etnográfica do Museu Nacional da Dinamarca: artista acompanhou Nassau

comerciantes, porém, a levaram até o reino do Congo, e lá o objeto ficou por um tempo. Em 1642, quando o rei do Congo e Nassau estavam estabelecendo relações diplomáticas, a pia foi enviada ao governante holandês.

Como retribuição, o rei do Congo recebeu de Nassau um manto comprido, todo de seda, com fimbrias de ouro e de prata, uma banda, um gibão de cetim e um chapéu de pele de castor, com um cordão entretecido de ouro e de prata.

Nem mesmo o calor cearense fez com que os chefes indígenas Francisco Carajá e Amunijupitanga rejeitassem os chapéus de pele de castor oferecidos pelo comandante holandês Mathias Beck, depois da despedida de Nassau, que, antes de partir, deu um chapéu destes ao rei do Congo, e outro para o conde do Sonho, em 1642.

Interesse econômico

O projeto de Nassau era visionário para o século 17, na opinião de Mariana. Nenhum explorador teria feito anteriormente uma viagem com uma equipe de artistas e cientistas para conhecer amplamente a história de um país. Sua viagem tinha um interesse econômico na produção de açúcar brasileira e vinha sendo idealizada desde 1620, antes mesmo de ter conquistado os "agrados" dos nativos. Tudo começou na Guerra dos 80 anos, em 1568, em que a Holanda lutava por sua independência da Espanha, até então líder do comércio de prata e açúcar. A proposta era atacar as colônias da Espanha na América, entre elas o Brasil. A separação também estava pautada na diferença religiosa: a Holanda era protestante, e a Espanha, católica.

Nassau era empreendedor e também devia ter seus interesses econômicos individuais. Aproveitou a viagem para levar o máximo de informação sobre sua empreitada no Brasil. Um dos 24 filhos de uma família da nobreza alemã, ao chegar em Pernambuco, tratou logo de espalhar a notícia sobre a coleção que estava montando. Prontamente, moradores luso-brasileiros enviaram animais diferentes, plantas e qualquer tipo de coisa que poderiam interessar.

Aproveitando que os indígenas estavam há décadas em luta contra os portugueses, que queriam lhes tomar o território, escravizavam e matavam, Nassau conseguiu expandir o limite territorial do Brasil holandês e manter equilíbrio entre muitas raças e unidade naquele lugar. Diante disso, os indígenas viram na chegada dos holandeses uma estratégia de aliança contra os portugueses, que também conseguiram aliados nativos contra os comandados de Nassau.

"Ele não veio ao Brasil por nada. Fazia parte da nobreza protestante europeia. E era costume dos nobres que se queriam letrados fazer um tipo de coleção. Já era estimulado, cresceu num espaço em que isso já era um valor. Tratava-se de uma coisa importante", reflete Mariana.

Para a autora, as pessoas tendem a pensar a globalização como algo recente, mas a circulação de pessoas de um lado a outro existe há séculos. "Os arquivos holandeses que visitei estão cheios de histórias de funcionários que trabalharam no Brasil holandês e depois foram para a África, Ásia e voltaram para a Holanda com registros de memória. A circulação de informações sobre o Brasil já era grande na Holanda na época."

Mariana enfatiza que antes de Nassau pisar o Nordeste brasileiro, existia uma imprensa atuante na Holanda do século 17, que explorava este mundo da palavra escrita. Além disso, o grau de alfabetização era alto para a época. Tudo era estimulado pela conquista holandesa da época. A imprensa também trabalhava na veiculação do andamento dessa empreitada dos holandeses em colônias espanholas. Depois de Nassau, as notícias encontradas por Mariana versam sobre o açúcar e sobre seus feitos como governador geral do Brasil holandês, no sentido de domínio colonial.

O entra e sai de naus nos portos de Roterdã, Amsterdã e outras cidades despertava o interesse por notícias de outros países na população predominante urbana que acompanhava a chegada das embarcações. O grande número de comerciantes naquele país fazia com que boa parte da população soubesse ler, para poder registrar a entrada e saída de mercadorias. Ademais, a reforma protestante também estimulou o projeto de alfabetização de cidadãos holandeses. Era o país com maior índice de alfabetização na Europa: enquanto em outros países da Europa 10% das mulheres eram alfabetizadas, na Holanda elas chegavam a 30%. Entre os homens, de 50% a 60% sabiam ler.

Segundo Mariana, alianças políticas são recorrentes na história da humanidade desde a expansão ultramarina. Sua tese contribui para mostrar que sempre a conquista do povo de um outro lugar, seja no sentido de explorar, como no império, ou na busca de projetos de cooperação, como acontece hoje, depende de alianças. Ainda que elas envolvam o chamado poder de barganha, o que seria equivalente nos dias de hoje à troca de presentes. Aos estudantes mais jovens, fica a mensagem de que a história política envolve aspectos mais complexos que o fato de dominar e ser dominado. Como os indígenas foram "dominados" pelos holandeses? Talvez a coleção de Nassau, constituída de presentes trocados entre um militar do império e líderes indígenas, responda a essa pergunta.

Uma princesa que se enfeitava com penas

Retrato da princesa Sophie van de Palts: indumentária fora dos padrões da época

Na pequena cidade de Isselburg, noroeste da Alemanha, próximo à fronteira com os Países Baixos e a 150 quilômetros de Amsterdã, localiza-se o castelo de Wasserburg-Anholt. De sua construção original – uma fortificação, isolada por um fosso, feita para defender as terras da diocese de Utrecht –, resta ainda hoje a torre, datada de 1169. Propriedade dos descendentes de Philip Carl, 3º conde de Salm (1619-1663), o castelo foi parcialmente destruído durante a Segunda Guerra Mundial e, após reconstruções que duraram 30 anos, foi transformado em um museu particular, que abriga a coleção de arte da família.

Em sua passagem pelo castelo, cuja visita começa pela biblioteca, a pesquisadora Mariana Françozo foi surpreendida, em um dos cômodos, com um retrato da princesa Sophie van de Palts (1630-1714), filha de Frederik V, Eleitor Palatino (1596-1632), também conhecido como Rei de Inverno, e de Elizabeth Stuart (1596-1662). No quadro pintado por sua irmã, Louise Hollandine van de Palts, a princesa usa uma indumentária pouco comum às mulheres da época: vestido de cetim branco, um colar de pérolas e um manto de penas vermelhas e amarelas, preso por um broche na altura de seu ombro esquerdo. Na cabeça, usa um ornamento também feito de penas vermelhas. Na mão direita, a jovem leva uma lança. Ao fundo, uma paisagem tropical. Como esses objetos teriam chegado até essas jovens na época? A resposta para esta pergunta, na opinião de Mariana, começa do outro lado do oceano Atlântico, em 1637, quando Johan Maurits van Nassau-Siegen aportou no Recife com o cargo de governador-geral da colônia neerlandesa no Brasil.

Um filho da aristocracia

Antes de realizar sua expedição ao Brasil, Johan Maurits van Nassau-Siegen já havia feito viagens de estudos. Afilhado do governador da Holanda, Maurits van Oranje (1567-1625), o conde recebeu o nome do padrinho como homenagem. Desde cedo foi educado segundo o modelo aristocrático para ser um bom nobre e um bom militar: Até os 10 anos de idade, Nassau viveu no castelo da família, em Siegen, que comportava uma pequena corte dentro de uma pequena cidade alemã. Ali, junto de dois irmãos mais novos, ele começou a ser educado por dois instrutores. Depois, seu pai, Jan VII, preocupado com a educação dos filhos, fundou uma escola militar em Siegen, destinada aos filhos da aristocracia e baseada em uma disciplina militar rígida. "Não há prova específica de que Nassau tenha frequentado esta escola, mas certamente recebeu do pai lições sobre a conduta correta de um oficial do exército", explica Mariana.

A formação fora do âmbito doméstico iniciou-se em 1614, quando Nassau, acompanhado de um tutor, viajou até a cidade de Kassel, onde viviam sua irmã Juliana e seu outro padrinho, o conde Moritz Von Hesse-Kassel. Lá, Nassau juntou-se a dois filhos deste casal e os três seguiram viagem até Basel, em cuja escola estudariam por um ano. Além dos estudos em Basel, os três jovens nobres também compartilharam uma viagem formativa pelas cidades de Genebra, Estrasburgo, Bern, Lausanne e Zurique – todas elas redutos do calvinismo não-ortodoxo que as famílias Nassau e Hesse-Kassel praticavam.

Foi uma longa viagem por países distantes, do tipo que costumava ser empreendida por jovens nobres, desde o século XVI, como parte integrante de sua formação como nobres cortesãos: conhecendo cidades distantes, línguas diferentes e costumes incomuns, os jovens cavalheiros aprenderiam sobre o mundo e a natureza humana e aperfeiçoariam suas maneiras e suas habilidades. No caso da viagem formativa de Nassau, segundo a pesquisadora, a escolha de permanecer em ambientes de confissão protestante, mas moderada, reflete os cuidados de seu pai e de seu padrinho, cujos territórios seriam em seguida assolados pela Guerra dos Trinta Anos.

A estada em Basel durou apenas um ano, ao final do qual os três jovens retornaram a Kassel, onde foram matriculados no Colegium Mauritianum, escola fundada pelo conde de Hesse-Kassel que ocupava uma das alas de seu castelo na cidade. Ali, Nassau estudou grego, latim, francês, inglês, italiano, espanhol, teologia, filosofia, matemática, ciências militares, medicina, retórica, história, música, dança e combates, matérias indispensáveis para a formação humanística abrangente de um jovem nobre. O aumento de custos da escola fez com que o pai chamasse Nassau de volta à cidade natal, já contando com uma boa base de formação humanista.

Mas foi na Frislândia, norte da Holanda, mais especificamente na cidade de Leeuwarden, que Nassau intensificou seu treinamento militar com seu tio, o governador daquela província, conde Willem Lodewijk van Nassau (1560-1620). Em seguida, ingressou no exército como alferes, no ano de 1620, e ali permaneceu por cerca de dois anos, mesmo após o falecimento do tio. Foi neste lugar que entrou em contato pela primeira vez com a corte neerlandesa, muito menos ligada às ciências do que aquela que frequentara em Kassel. Lá, durante 15 anos, Nassau-Siegen conseguiu subir na hierarquia do exército graças a seus feitos: em 1626, foi promovido a capitão; três anos mais tarde, tornou-se coronel. Durante todos aqueles anos, lutou contra os espanhóis na fronteira leste da República, cujas cidades alemãs os católicos tentavam conquistar para entrar nos Países Baixos.

Foi em 1636, na luta pela última cidade alemã nesta fronteira, que Nassau alcançou fama nacional. Nesta época, ele tinha 32 anos de idade uma sólida formação humanista, ampla experiência, reconhecimento e fama pelos seus feitos militares e, finalmente, algum capital que recebera de herança com o do falecimento de seu pai, em 1623, parte da qual usou para comprar um terreno e construir sua casa em Haia. Neste contexto de possibilidades em aberto, a oferta que lhe faria a Companhia das Índias Ocidentais, naquele ano de 1636, seria irrecusável: além de ser uma posição de destaque e muito bem recompensada do ponto de vista econômico, como governador-geral da colônia holandesa na América do Sul, Nassau poderia colocar em prática os saberes militares e políticos, bem como todo seu treinamento como nobre cortesão, que havia acumulado até então.

Publicação

Tese "De Olinda a Olanda: Johan Maurits van Nassau e a circulação de objetos e saberes no Atlântico holandês (século XVII)"
Autora: Mariana de Campos Françozo
Orientador: John Manuel Monteiro
Unidade: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)